

## Folhetim Literário

## Cília: o prazer da poesia

Se tivéssemos que definir de algum modo a forte essencial da actividade de Luís Cília como autor e intérprete, diríamos que nele funciona, acima de tudo, o prazer da poesia, o amor à poesia como suprema forma de comunicação entre os homens. O recital que durante alguns dias promoveu no Teatro Vasco Santana, coincidindo com o lançamento do seu último disco — «O Peso da Sombra», sobre poemas de Eugénio de Andrade —, confirmou-o de modo irrefutável, e impõe que se sublinhe quanto lhe deve, no campo específico da canção, a poesia de Língua portuguesa.

Praticamente desde o início da sua carreira, uma parte preponderante do repertório de Cília foi buscar aos poetas portugueses, de agora e de sempre, as palavras com que cantou a revolta comum. A sua voz, no exílio, tornou-se de certo modo uma legenda, um símbolo vivo da resistência cultural ao fascismo. E no entanto, as mais das vezes, os seus textos não espelhavam directamente as situações concretas em que a luta se traduzia. É que a marca revolucionária da obra de Luís Cília (e poucos o terão compreendido como ele) consistia em dar esas às palavras amoldadas dos poetas do seu povo e em cantar livremente o amor — num país onde o amor adquiria o carácter simbólico da mais profunda subversão dos valores instituídos.

Após o 25 de Abril, quando fácil lhe seria recolher os dividendos do caminho percorrido, Cília recusou a facilidade e manteve-se fiel ao seu próprio



Luís Cília com o poeta Eugénio de Andrade

percurso. A grande poesia continuou a ser a pedra de toque da sua originalidade criadora. Camões, Amândio Rodrigues, Mário Cesariny de Vasconcelos, David Mourão Ferreira e Pedro Tamen ai estiveram, na primeira parte deste seu recital, em canções inéditas ou já conhecidas, a prefaciar o encontro com Eugénio de Andrade e com a sua poesia onde as palavras recuperam a perda inocência das fontes.

Instrumentista de assinaláveis recursos (como provou ao interpretar à viola o «Prelúdio em Ré menor» de João Sebastião Bach), dotado de um sentido cénico que lhe permite, com escassez de meios, construir sobre

as tábuas do palco o ambiente onde a sua obra se ilumina a uma nova luz, compositor que ao mundo da electrónica vai buscar um lirismo desesperado mas simultaneamente afirmativo, Cília encontrou na poesia de Eugénio de Andrade o veículo mais adequado para de novo nos falar do «peso das palavras» no seu percurso de cantor quase «maldito».

Paralelamente — e como que assumindo essa mesma «maldição» — Cília reinventa na Língua portuguesa o discurso contestatário de Brassens: «Pobre Marinho» e «A má reputação» (principalmente esta última) são canções que inauguram na sua car-

reira de intérprete uma faceta nova e porventura rica de futuro. A comprová-lo, aí está também o «Romance do Lulu do Intendente», do próprio Cília, onde as palavras directas e incómodas vão buscar ao espírito iconoclasta da tradição popular as suas mais profundas raízes. E também aqui — (só) aparentemente longe da grande poesia — a obra de Cília manifesta, uma vez mais, a sua radical inserção na herança cultural portuguesa.

Desnecessário nos parece sublinhar a importância da canção, quer em si mesma, como faceta de uma cultura e de uma identidade nacional, quer como veículo para a divulgação jurto das grandes massas do discurso poético, onde essa identidade a cada momento se recria.

E hoje, quando, seis anos decorridos desde Abril, também neste campo específico se assiste ao regresso galopante dos antigos fantasmas; quando muita canção se envergonha de cantar Portugal em Língua portuguesa e se aliena no débil macaquear de recites estereotipadas e alheias; quando as palavras dos poetas correm o risco de ser de novo amoldadas — é salutar descobrir num cantor como Luís Cília essa fidelidade à cultura e à herança das gentes que o rodeiam.

E isso justifica a crónica que agora termina. Um «folhetim literário» não tem que falar apenas de livros. Nem os livros resumem, por grandes que sejam, a vivência cultural de uma nação e de um povo.

Manuel Alberto Valente